

Águia Participações investiu R\$ 1,3 milhão para substituir diesel

A nova caldeira utiliza resíduos de madeira para gerar energia térmica, o que elimina a emissão de gases do efeito estufa

Danielle Sasaki
de Curitiba

O grupo paranaense Águia Participações, de Ponta Grossa, investiu R\$ 1,3 milhão em uma caldeira de óleo térmico que substituirá totalmente o óleo diesel utilizado como fonte de energia pelas três empresas da holding, composta pela metalúrgica Águia Sistemas, pela indústria de resinas sintéticas Águia Química e pela Águia Florestal, que produz madeira de pinus beneficiada. O equipamento tem tecnologia 100% nacional e foi desenvolvido em conjunto pelas empresas Tenge, de São Paulo, e Biocham, de Santa Catarina.

A caldeira, que só tem similar importado, permite a geração de energia térmica a partir da queima de resíduos de madeira gerados na indústria da Águia Florestal. Calcula-se que a empresa gere 50 toneladas de resíduos diariamente, sendo que o sistema consumirá duas toneladas por hora desse produto, gerando duas vezes mais energia do que o consumido hoje pela queima do óleo diesel.

O diretor-presidente da Águia Florestal, Álvaro Scheffer, afirma que o consumo atual das três empresas do grupo gira em torno de 80 mil litros de óleo diesel por mês. "O novo sistema, além de eliminar a emissão de gases causadores do efeito estufa na atmosfera, permitirá o aumento da produção projetado pelas empresas do grupo, que cresce numa média de 10% a 15% ao ano", considera.

Ele cita como exemplo a Águia Química, que consome 65% da energia total do grupo, e já recebe investimentos para o início da fabricação de um novo produto, o que aumentará a sua demanda pela energia. A empresa estima uma economia de R\$ 95 mil por mês com a adoção do sistema. A previsão é de que ele comece a operar dentro de 45 dias.

Os investimentos do grupo na substituição de combustíveis fósseis por biomassa de madeira também renderão negócios para a empresa no mercado mundial. O projeto está em sintonia com o Protocolo de Quioto, acordo internacional que estabelece metas de

controle dos gases causadores do efeito estufa. Segundo o Protocolo, que só depende da adesão da Rússia para entrar em vigor, os países industrializados podem comprar "créditos de carbono" de países em desenvolvimento para cumprir as metas de redução da emissão dos gases na atmosfera.

Os créditos de carbono podem ser gerados por qualquer ação que diminua a emissão dos gases causadores do efeito estufa. Áreas de reflorestamento e projetos que eliminam a emissão do gás metano nos aterros sanitários são alguns exemplos. Estima-se que, quando entrar em vigor, o Protocolo de Quioto inaugurará um mercado milionário que, além de incentivar ações em prol do meio ambiente, movimentará a economia dos países em desenvolvimento. A Águia Participações ainda não possui os cálculos da quantidade de gás que o sistema deixará de emitir, mas Scheffer estima altos valores.

A Águia Florestal também investe no processo de certificação de sua área florestal. A empresa possui uma área de 7,5 mil hectares de floresta plantada, sendo auto-suficiente em madeira. A indústria, segundo Scheffer, deve fechar o ano com um faturamento de R\$ 26 milhões, sendo que 95% de sua produção é destinada ao mercado externo. Seus principais produtos são os aplinados, as vigas laminadas e os painéis de pinus.

O braço florestal do grupo foi a única empresa que teve incremento da produção durante 2003. Segundo Scheffer, tanto a Águia Sistemas quanto a Águia Química sofreram redução este ano, em função da retração verificada no mercado interno. É que, ao contrário da Águia Florestal, as duas empresas têm no mercado interno a maior parte de sua produção.

A Águia Sistemas, por exemplo, destina apenas 10% de sua produção para o exterior. A empresa é a mais antiga do grupo e uma das líderes do mercado de sistemas de armazenagem, produzindo 2,2 mil toneladas de produtos por mês. O faturamento da Águia Sistemas é estimado em R\$ 60 milhões.

Já a Águia Química faturou no ano passado R\$ 35 milhões. Dentro as indústrias do grupo, é a empresa que mais investe em tecnologia, fornecendo matéria-prima para as grandes indústrias químicas brasileiras, principalmente a de tintas. O grupo estima um crescimento de 4% este ano.